

O GRITO DO EU SILENCIADO: UM PARALELO ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO LITERÁRIA EM *EL REY DE LA HAVANA*

Audrey Carine Cerqueira Santos do Nascimento¹

Resumo: Este trabalho propõe-se a fazer uma análise da realidade em contraste com a literatura. O *Realismo Sujo* mora ao lado. O real da contemporaneidade comparado ao real descrito no livro, *El Rey de la Havana*, de Pedro Juan Gutiérrez. A maneira como a realidade deste livro continua a apresentar-se de forma nua, crua, trazendo o leitor à uma reflexão no que diz respeito à valores morais, sociais, emocionais, familiares, de afetos e desafetos, da construção e desconstrução de relacionamentos, de aprendizados e a “ausência” deles. A análise feita a partir da leitura do livro comparando-a ao movimento literário do *Realismo Sujo*, bem como ao período da Revolução Cubana e pós Revolução, tão intrinsecamente ligados à contemporaneidade, por seus reflexos atuais, possibilita fazer várias reflexões relacionadas à perdas, abandonos, desamparos, descaso, desilusão, desesperança, marginalização, pobreza e miséria. A reflexão pode ser ampliada, ainda, aos aspectos de pudor, o valor do corpo e o uso dele para o sexo na obtenção prazer e para a sobrevivência. Ficção e realidade se misturam em uma percepção de um “eu” imaginário, mas ao mesmo tempo tão real, tão longe e tão perto do leitor, que convive e aparentemente parece ignorar e tornar-se indiferente ao que vê, pois, quando observado o momento atual em que vive o homem e relacionando este momento ao texto de Juan Gutiérrez, a literatura não ocupa um espaço real tão distante a ponto de não ser notada, percebida e vivida, diariamente. Um texto que possibilita considerar, por fim, que o seu impacto pode enojar, arrepiar e causa horror naqueles que o leem. Além disso, leva a uma “conformada” conclusão de que a história traz um ciclo sem fim e imutável. A história de um sujeito que é “produto de um meio” e, ao mesmo tempo, agente dele; personagem e ator da ficção e da vida. Por fim, o texto leva o leitor a um olhar para a literatura e observá-la a sua íntima relação com o cotidiano, sua significação e ressignificação diária a respeito da sociedade, de sujeitos autores de suas histórias, de dignidade, de padrões, de mudanças, de sonhos, presente e futuro, vida e morte, igualdade e desigualdade, ideal e real, teoria e prática, entre outras reflexões que a narrativa permitir inferir.

Palavras-chave: *Realismo sujo*, Revolução Cubana, Pedro Juan Gutiérrez, literatura, realidade, valores, miséria, violência, sexo.

¹ Aluna do Programa de Pós Graduação em Letras, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo), nível, Mestrado. E-mail: audy.psi@gmail.com

UMA INTRODUÇÃO

O que é literatura? A Professora Doutora, Marisa Lajolo, em seu livro *Literatura: ontem, hoje, amanhã*, traz essa reflexão ao leitor. Segundo ela (2018, p. 33), a literatura não tem apenas uma definição e sempre existiram discussões a respeito do que é a literatura². Além disso, para a existência de literatura, é necessário que haja alguém que escreva e por outro lado, aquele que irá ler o que foi escrito, bem como a divulgação do conteúdo por meio daqueles que são competentes para fazê-lo³. No entanto, tanto ela quanto Perrone-Moisés (2016, p. 27), relatam que exista alguma definição conclusiva a respeito dessa palavra, que pode ser dotada, portanto, de diversos significados e que mudam ao longo do tempo, pois, à medida que surgem novas teorias, novos conceitos de literatura surgem com elas⁴.

Este estudo, todavia, não pretende definir em sua exaustão, o que vem a ser literatura, mas, a pergunta serve como uma instigadora para pensar na literatura enquanto um canal de reflexão, de significação, de mudança e de impacto feito por meio da interação entre o escritor e o leitor. Por isso, o objetivo proposto é, por meio do aspectos do pensar a literatura como facilitadora de construção de sentidos, analisar uma leitura específica, a do livro *EL Rei de la Habana (O Rei de Havana)*, de Pedro Juan Gutiérrez e inferir dela, não em sua totalidade, pois, quanto mais uma obra é lida e analisada, mais descobertas a seu respeito podem ser feitas, o que ela permitir avaliar e compreender.

Contudo, para que essa análise possa ser cumprida, é preciso, antes, compreender o contexto em que o autor situa a narrativa e os personagens, bem como compreender o tempo da contemporaneidade e o movimento atual da literatura no qual está inserido. Dessa forma, primeiramente, é feito um panorama geral a respeito da *Revolução Cubana*, tendo em vista que o autor é de origem cubana e, além disso, serão apresentadas algumas definições e características do *Realismo Sujo*, o movimento literário atual que insere diversos nomes da literatura, como Pedro Juan Gutiérrez.

Ao final do estudo, é trazido um resumo, de forma a levar o leitor a compreender melhor o que será observado e em seguida, a análise do livro, com suas considerações e ponderações.

² LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Unesp, 2018. p. 32.

³ Ibid., p. 26.

⁴ Ibid., p. 35.

CUBA: UMA PEQUENA REFLEXÃO HISTÓRICA – ANTES DA REVOLUÇÃO, A REVOLUÇÃO CUBANA E O PÓS REVOLUÇÃO.

Cuba é um país pequeno e muito próximo aos Estados Unidos, situado há, aproximadamente, 150km de distância deste. Ainda nos dias atuais, Cuba sofre as consequências da Revolução de 1959 e do Pós Revolução. No entanto, antes de situar o leitor a respeito dos aspectos revolucionários, é necessário compreender o funcionamento, de forma global, deste país até o período que culminou na Revolução.

Historicamente, a ilha foi habitada por povos indígenas, porém, com a chegada dos espanhóis, estes povos acabaram por desaparecer devido à propagação de doenças e com o crescimento de guerras, processo esse que fez com que os colonizadores espanhóis importassem escravos da África para trabalharem nos plantios de cana de açúcar e tabaco, os dois principais produtos produzidos na colônia. Cuba foi, também, uma das colônias mais importantes da Espanha, era considerada como “pérola do Caribe”, por ser “porto de redistribuição de negros escravizados e parada para os galeões espanhóis que atravessavam o Atlântico”⁵.

Ao contrário de vários países de colonização espanhola, Cuba, veio a tornar-se independente no final do século XIX, mais precisamente em 1898, com o apoio dos Estados Unidos da América. Desse momento em diante, Cuba passou a ser massa de manopla deste país Norte-Americano, isto é, às custas da exploração econômica cubana, os EUA conseguiram desenvolver na ilha diversos negócios obtendo lucros bastante altos⁶.

Com o intuito de tornar a independência cubana consolidada, o Senado estadunidense obriga os cubanos a aceitarem em sua Constituição a “Emenda Platt” que dava aos norte-americanos (leia-se EUA) maior poder de intervenção política, econômica

⁵ BEZERRA, Juliana. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/revolucao-cubana/>.

⁶ SILVA, Daniel Neves. Disponível em: <https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/revolucao-cubana.htm>.

e militar em Cuba. Além disso, essa emenda concedia aos EUA uma parte do território de Cuba para a construção de uma base naval, localizada ao sul da ilha, em Guantánamo⁷.

Segundo Morales Dominguez & Pons Duarte (1987, p.155 apud AYERBE, 2002, p.129), até a década de 30 Cuba foi responsável pelo abastecimento de 59% do mercado de açúcar dos Estados Unidos, o que totalizava 54% das importações da ilha⁸. O investimento financeiro norte-americano estava amplamente presente nas plantações de cana, nas usinas, refinarias de petróleo, no sistema telefônico, assim como no de eletricidade, fator que deixava o governo cubano bastante limitado e dependente de um único mercado de exportação⁹. Esse controle prolongou-se e, na década de 50 tem-se uma Cuba ainda dependente e explorada pelos Estados Unidos, tanto para questões de exportação quanto de importação.

Devido a essa forte influência do país norte-americano em um âmbito não só econômico, mas também industrial, político, inclusive apoiando, em 1952, o Golpe de Estado dado pelo ditador Fulgêncio Batista¹⁰. O crescimento da insatisfação do povo e da desigualdade social, em especial das camadas menos favorecidas, despertava movimentos populares que culminaram na Revolução¹¹.

Greves e revoltas ocorreram ao mesmo tempo em que Batista era ditador e em sua maior parte, esses movimentos tinham origem no proletariado, que unia suas forças aos movimentos estudantis. Esses movimentos cresceram e uma de suas primeiras ações foi

⁷ BEZERRA, loc.cit.

⁸ Cf. MORALES DOMINGUEZ, E., PONS DUARTE, H. Embargo o bloqueo?, compensación?: aspectos económicos del conflicto bilateral Cuba-Estados Unidos. Primera parte. *Economía y Desarrollo (La Habana)*, v.101, nov.-dic. 1987, p.155.

⁹ AYERBE, Luis Fernando. A Revolução Cubana. In: AYERBE, Luis Fernando. Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia. São Paulo: UNESP. 2002. p. 126-135; 243-255.

¹⁰O início da década de 50, em Cuba, foi marcado pelo Golpe de Estado de Fulgêncio Batista, golpe que foi apoiado pelos EUA. Esse golpe marcou o início de um período ditatorial, por Batista, na ilha cubana. É sabido que a população padecia com os graves problemas sociais, enquanto uma pequena minoria tinha uma vida luxuosa e de riqueza badalada pelos cassinos e *night clubs* da época. Enquanto isso, o ditador Batista ficou cada vez mais conhecido por negligenciar as necessidades básicas da população e pela brutalidade utilizada para reprimir aqueles que eram considerados seus inimigos políticos. (Revolução Cubana. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/revolucao-cubana.htm>).

¹¹ FEITOSA, Emilly Couto. REVOLUÇÃO CUBANA: A CRISE DOS ANOS 90 E A REDEFINIÇÃO DOS RUMOS DO SOCIALISMO. In: Encontro de História Anpuh-Rio, 13., 2008. Rio de Janeiro. *Identidades*. Rio de Janeiro: UFF, 2008.

a tentativa de tomar os quartéis de Moncada e de Carlos Manuel de Céspedes, em 26 de julho de 1953. Fidel Castro e seu irmão, Raul Castro, participaram dessa ação, que resultou na morte de diversos jovens e combatentes, bem como na prisão dos irmãos Castro. Dois anos após serem presos, foram soltos e exilados no México, de onde planejaram o retorno à Cuba para derrotar o ditador Fulgêncio Batista e com esse objetivo, fundam o Movimento Revolucionário 26 de Julho (M-26). Em dezembro 1956, junto à Ernesto “Che” Guevara, a Camilo Cienfuegos e aproximadamente 80 homens, empreenderam outra tentativa de tomada de Cuba, também fracassada. Porém, aos poucos, a guerrilha conquistava mais simpatizantes, o que tornava o governo de Batista mais e mais desmoralizado¹².

Ao perceber que a ditadura de Batista estava ameaçada e prestes a ser derrotada, os Estados Unidos suspendem o apoio militar à Cuba e em 1º de janeiro de 1959, após várias conquistas militares por parte do grupo M26 e pela ocupação de diversas cidades e povoados cubanos, “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos entram em Havana e o ditador Fulgêncio Batista foge para a República Dominicana. No dia 8 de janeiro, Fidel Castro chega à Havana recebido pelo povo¹³.

Nos primeiros anos de Revolução, algumas medidas foram tomadas em Cuba:

“Já nos seus primeiros anos, a revolução enveredou num programa de reformas radical: reforma agrária que acabou com o latifúndio em menos de um ano, rompendo de vez com a propriedade privada no campo; confisco de propriedades; nacionalização de bancos e empresas estrangeiras; reforma educacional e na saúde tornando-as nacionais e gratuitas; e redução das tarifas nas áreas de moradia, telefonia e energia. Um programa que, de 1959 a 1961, foi se radicalizando até ser declarado o caráter socialista da revolução. Ao longo desse processo, as decisões foram centralizadas nas mãos do Estado e este, por sua vez, foi burocratizado e a censura foi estabelecida.” (FEITOSA, 2008).

Em abril de 1961, Fidel Castro anuncia que Cuba passava a ser socialista e como resposta a essa declaração, ocorre a invasão à Baía dos Porcos, invasão esta que fora financiada pelos EUA. Além disso, no mesmo ano, os Estados Unidos rompem as relações diplomáticas com a ilha (embargo econômico/comercial); em 1962, durante a

¹²12 REVOLUÇÃO CUBANA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/revolucao-cubana/> & SILVA, op.cit.

¹³ BEZERRA, op.cit.

Guerra Fria, Cuba é expulsa da OEA (Organização dos Estados Americanos). Isolada econômica, política e comercialmente, Cuba acaba por estabelecer relações com a extinta URSS (União Soviética), em 1963, colocando, dessa forma, fim ao isolamento financeiro, político-econômico e comercial. Em 1965, Fidel Castro cria o PCC (Partido Comunista Cubano) e a partir dessa década (início dos anos 1960) as relações entre Cuba e União Soviética passam a ser mais estreitas, a ponto de Cuba depender da extinta URSS. Essa dependência foi estritamente marcada, também, pela entrada de Cuba no CAME (Conselho Econômico de Ajuda Mútua), que contribuiu para o crescimento econômico do país, com o aumento do Produto Social Global (PSG), do número de indústrias e de indicadores sociais¹⁴. Além disso, houve crescimento e desenvolvimento na agricultura, na educação houve crescimento de 100% no ensino infantil, melhoras no ensino primário, secundário e universitário, diminuição da mortalidade infantil, na saúde, aumento da expectativa de vida e o comércio exterior continuou a ter a cana de açúcar como produto principal de exportação¹⁵, ou seja, com a entrada de Cuba para o CAME, houve uma guinada no desenvolvimento de forma geral da ilha.

Nos anos 80, o CAME deixa de existir quando Cuba possuía 85% dos seus investimentos no comércio exterior e depois de findada a Guerra Fria¹⁶, o bloqueio norte americano foi ampliado. Cuba já não tinha mais o apoio nem do CAME e nem da ex-URSS¹⁷, o que levou o país a um período de grande crise econômica, crise que é prolongada até a atualidade pois, ainda hoje, Cuba não se ergueu econômica, política, social e comercialmente, apesar de ter tido períodos críticos da crise (1989-1993) e períodos de relativas melhoras (1993-1997), embora tenha sido aumentado o embargo dos Estados Unidos após o fim da Guerra Fria¹⁸.

¹⁴ FEITOSA, op.cit.

¹⁵ AYERBE, op. cit., p. 246.

¹⁶ A Guerra Fria foi um período de conflitos que teve início ao findar da Segunda Guerra Mundial. O conflito ocorreu entre Estados Unidos, de ideais capitalistas, e a União Soviética, de cunho socialista. Estes países disputavam a hegemonia política, econômica e militar mundial da época. Não existiram embates militares, pois a guerra era de âmbito ideológico entre essas duas potências do Pós Segunda Guerra (RAMOS, Jefferson Evandro Machado Guerra Fria. 2004. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/guerrafria/>).

¹⁷ AYERBE, op.cit. p.252

¹⁸ IBIDEM, p.252-253.

Com o fim do apoio da União Soviética, devido à extinção desta com o fim da Guerra Fria, o socialismo cubano precisou passar por novas reformas de maneira a reestruturar o país. Algumas dessas reformas são citadas por Feitosa (2008):

“[...]a abolição do monopólio do Estado sobre o comércio exterior; a permissão da participação de capitais estrangeiros na economia do país; a legalização do dólar; o incentivo ao turismo; a introdução do emprego autônomo tributado; o estabelecimento de cooperativas agrícolas em substituição às fazendas estatais; entre outras. Medidas que foram discutidas em todos os locais de trabalho, como forma de garantir o apoio da população às reformas.”

A pressão popular por mudanças, fez com que o governo cubano fizesse algumas mudanças no país, como na constituição de 1976, que fora alterada em 1992, alterações, também, no sistema eleitoral, que removeu a centralização administrativa de funções estatais, promovendo uma maior participação do povo na política do país e a partir dessas mudanças houve uma nova reestruturação do socialismo cubano que proporcionou maior envolvimento da população em setores que eram antes de decisão exclusiva do governo¹⁹. Entretanto, apesar das reformas feitas pelo governo, com a devida pressão popular, como mencionado anteriormente, Cuba ainda continua a sofrer as consequências dos governos ditatoriais, dos embargos econômicos, políticos e comerciais, embora a abertura para a entrada de investimento de capital estrangeiro, tanto dos EUA quanto de outros países, tenha crescido ao longo dos anos²⁰.

Ainda que os avanços tecnológicos e de relações de trocas (exportações e importações) tenham crescido ao redor do mundo, em Cuba, esse crescimento vem acontecendo lentamente por conta das políticas de governo que permanecem, até certo ponto, fechadas para o mundo capitalista. A maior abertura para o turismo (e exploração deste), bem como para pequenos empreendedores é recente, porém a desigualdade social continua grande e a população vive de baixos salários, com poucas perspectivas de crescimento e desenvolvimento. Existe, no país, alguns contrabandos de mercadorias que de outra forma seria muito dispendioso para o cubano adquirir os produtos, devido aos baixos salários. Alguns bairros e casas são muito pobres e carecem de reparos e reformas

¹⁹ FEITOSA, op.cit.

²⁰ DOCUMENTO VERDADE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vJ80YjcxK7U&list=PLY5mcg4_IluB3OuEhrfvDJK2MUnPdStm1&t=0s&index=54 & A REALIDADE EM CUBA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1w1tV8FseDU&list=PLY5mcg4_IluB3OuEhrfvDJK2MUnPdStm1&t=0s&index=55.

urgentes e neste aspecto há, também, um contraste com uma outra parcela cubana que vive em condições financeiras muito superiores que boa parte da população²¹.

²¹ IBIDEM.

PEDRO JUAN GUTIÉRREZ E O REALISMO SUJO

Pedro Juan Gutiérrez nasceu em Matanzas, Cuba, no dia 27 de janeiro de 1927. Teve uma infância bastante intensa e cheia de mudanças. Vivia em viagens por Pinar del Rio e Matanzas, com seus pais e irmão. A família passou por total perda financeira, quando tentaram abrir um bar-restaurante em Pina del Rio. Contudo, conseguiram dinheiro emprestado para abri um negócio de sorvetes em Matanzas, ofício que Pedro Juan Gutiérrez aprendeu. Na adolescência gostava bastante de esportes como pesca, natação e caiaque. Para ajudar a família, Pedro Juan vendia sorvetes, gibis e sacos de papel que eram utilizados pelas mercearias do bairro que moravam. Tinha por entendimento que a escola era “pequena, chata, metafísica e autoritária”²².

O escritor e pintor, que começou a trabalhar aos 11 anos, também tinha interesse por leituras de quadrinhos e livros. Entre o passatempo da leitura outro passatempo de Pedro Juan que, junto com a família, morava perto de La Marina, bairro de prostituição, era o de ficar sentado perto de um bar observando as prostitutas seduzindo os clientes. Entre os ofícios mencionados, trabalhou, ainda, como soldador de sapato, instrutor de natação e caiaque, cortador de cana de açúcar, trabalhador agrícola, técnico em construção, desenhista técnico, locutor de rádio e, durante 26 anos, como jornalista. É, além disso, pintor, escultor e autor diversos livros, dentre prosa e poesia. Atualmente mora em Havana e dedica seu tempo, de forma exclusiva, à literatura, assim como à pintura²³.

O cubano escreveu o chamado *Ciclo do Centro de Havana*, que é formado por cinco livros de romances e relatos e dentre esses livros, fazem parte: *Trilogia suja de Havana* (a primeira obra do autor em prosa), *O Rei de Havana*, *Animal Tropical* (vencedor do *Prêmio Afonso García-Ramos de Romance*, em 2000, na Espanha), *O insaciável homem-aranha* e *Carne de cão* (que ganhou o prêmio, na Itália, *Narrativa Sur del Mundo*). Dentre outras obras de sua autoria, podem ser destacadas: *O ninho da serpente: Memórias do filho do sorveteiro*, *Nosso GG em Havana*, *Fabián e o caos*, *Corazón mestizo*, *Pobre diablo*, os contos curtos de *Melancolia dos leões* e dos

²² BIOGRAFIA. Disponível em: http://www.pedrojuanguitierrez.com/Biografia_portugues.htm.

²³ IBIDEM.

livros do poesia *Esplendidos peces plateados, Fuego contra los herejes, Yo y una lujuriosa negra vieja, Lulú la perdida y otros poemas de John Snake e Morir en París*²⁴.

Ao longo de sua vida, Pedro Juan Gutiérrez passou por dificuldade financeiras, como a perda do negócios de sorvete, também serviu ao exército cubano, casou-se e está casado pela segunda vez e pelas contas do próprio autor teve relações sexuais com mais de duzentas mulheres, tem quatro filhos, passou por crises no casamento, teve dificuldades em sua carreira como jornalista e em alguns períodos de sua vida (Crise de Cuba nos anos 90), viveu com um salário baixo precisando fazer “bicos” para sobreviver e sustentar-se, bem como à família, mas também teve ajuda por parte de sua mãe, durante um tempo. Atualmente vive em uma cobertura “detonada” em Malécon, local considerado barra pesada de Havana, de onde não pretende sair²⁵

Em uma entrevista, em julho de 2003, ao *Jornal do Brasil*, Pedro Juan Gutiérrez referiu-se à Cuba como “Um país miserável, mas com um povo esperançoso e que aproveita a vida como pode.”²⁶. Em outra entrevista, ao *Fronteiras do Pensamento*, o escritor fala de seu envolvimento emocional com as personagens de seus livros, quando questionado sobre a personagem Sandra, uma prostituta homossexual do livro *O Rei de Havana* e define, a partir de seu ponto de vista, *O Realismo Sujo*, da seguinte maneira: “É um realismo que indaga as zonas mais baixas e sujas da realidade, suponho, porque eu não sei nada de teoria. Isso de realismo sujo nem sei quem o inventou e dizem que é o que eu faço. Bom, não sei...”²⁷.

O Realismo Sujo em que está inserido Pedro Juan Gutiérrez surge como oposição aos que o antecederam e a uma visão maravilhosa da realidade e faz parte de uma nova tendência literária, que surgiu, na literatura latino-americana, a partir dos anos 90. Contudo, o termo *Realismo Sujo* foi primeiramente usado para definir um tipo de

²⁴ IBIDEM.

²⁵ NOGUEIRA, K & FRUET, H. Entrevista com Pedro Juan Gutiérrez. Playboy, Brasil. 2001. Disponível em: http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Playboy.htm

²⁶ BURGOS, P. *Jornal do Brasil*. 2003. Disponível em: http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Jornal%20do%20Brasil.htm.

²⁷ FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. 2001. Porto Alegre. Disponível em: [http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Fronteiras%20do%20Pensamento%20\(2008\).htm](http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Fronteiras%20do%20Pensamento%20(2008).htm).

literatura que surgiu nos Estados Unidos, durante a década de 60 e servia para descrever sem esperança em áreas onde havia a predominância da monotonia e de abismo financeiro. Esse estilo novo de escrita é habitualmente associada à estética do lixo, a adjetivos com conotações pornográficas, à violência, ao politicamente incorreto, de cunho machista ou sexista²⁸.

Ainda sobre a literatura desse movimento, Fontes (2011, p. 66-67) afirma:

“Dentro dessas narrativas, o que importa realmente não são as situações limites vividas ou os personagens que as protagonizam, mas como os seus personagens agem e se movimentam dentro dessas situações, como lidam com a miséria, com a falta de oportunidade, com a busca por diversão, com a forte presença do sexo e do álcool. As narrativas, na maioria das vezes, não progridem, apenas se repetem, refletem a monotonia de uma vida sem esperança, onde o tempo passa e nada muda. A mediocridade da vida parece refletir a mediocridade que circunda e que existe também dentro, é a passagem de dias iguais em uma selva onde somente os mais espertos parecem sobreviver, uma existência onde não existem heróis, ou guerras a serem travadas. A emergência de personagens marginalizados, pertencentes às camadas mais baixas da sociedade, e as estratégias de representação utilizadas faz com que esse realismo sujo tenha muitos pontos em comum com o naturalismo, popular durante o final do século XIX e que, à época, também representou uma forte transgressão no que era chamado de realismo.”

Pode-se dizer que o narrador, no *Realismo Sujo*, é um narrador que também se identifica com aquilo sobre o que fala, de certa forma, pois ao relatar o que é medíocre, entediante, a sexualidade e os atos sexuais explícitos, a embriaguez dos personagens, o narrador se insere naquilo que narra, sai de uma posição de observador da narrativa e passa a fazer parte da ação, da fala do que lhe é conhecido, por isso denota nesses escritos um tipo de narrativa autoficcional. O autor, por se colocar dentro do universo que se dispôs a relatar não pode emitir juízos de valor ou opinião, ou ainda, tentar comprovar teses, porque fala daquilo que vive. Uma das características próprias do *Realismo Sujo*, tanto de Pedro Juan Gutiérrez, quanto de outros escritores que seguem essa linha²⁹.

²⁸ FONTES, Izabel Santa Cruz. A Escrita como itinerário existencial: autoficção e subjetividade do realismo sujo de Pedro Juan Gutiérrez. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: O Autor, 2011.

²⁹ IBIDEM, p.69.

No que diz respeito à autoficção, Philippe Gasparini (2008), citado por Perrone-Moisés (2016, p.207), definiu algumas características desse tipo de gênero literário contemporâneo que podem ser destacadas:

“[...]identidade explícita do nome do autor com o nome da personagem-narrador; uma escrita visando à verbalização imediata; a reconfiguração do tempo linear, por seleção, fragmentação, inversão cronológica, mistura de épocas; objetivo expresso, pelo narrador de narrar fatos reais e de revelar sua verdade interior.”

Entendendo, de igual forma que o *Realismo Sujo* traz essa perspectiva das narrativas de autoficção, para a literatura contemporânea, embora sabendo que em outras épocas e em outros movimentos o estilo autobiográfico já fora trabalhado, com as particularidades próprias de cada movimento, Anke Birkenmaier (2004), ao falar do *Realismo Sujo*, diz que este não se trata apenas de uma categoria crítica, mas que tornou-se um “rótulo comercial” que refere-se a nova geração de escritores latino-americanos que representa o *boom* de escritores que tem sido publicados desde os anos 60. De acordo com a autora, também, em sua maioria, esses autores como Pedro Juan Gutiérrez, Fernando Vallejo, Alberto Fuguet, Efraim Medina Reyes, são comparados com Charles Bukowski e Henry Miller, autores que na década de 60 trabalharam com um tipo de escrita de linguagem sexual explícita e uma estética da ação que foi bastante impactante para a época, mais do que nos dias atuais³⁰.

Compreendendo que esse gênero de escrita que é a autoficção, como gênero de que se utiliza Pedro Juan Gutiérrez, em seus livros, ainda que estes não sejam totalmente autobiográficos, mas relatam histórias e personagens com os quais o autor se identifica, como ele relatou em entrevista³¹ e, da mesma forma, compreendendo que é um dos autores considerados do “novo” modelo de escrita do *Realismo Sujo*, seus textos podem ser analisados com base nas características acima relatadas, desse movimento, em particular, isto é, pode-se perceber que a literatura de Gutiérrez, em especial, no livro *El Rey de la Habana (O Rei de Havana)*, leitura que é do interesse, deste trabalho, estudar traz aspectos de realidades “nuas” e “cruas”, de indivíduos marginalizados, que vivem do prazer sexual, da embriaguez, das drogas, da pobreza, do tédio, da ignorância, da falta de perspectiva, em total desesperança, abandono, descaso, indiferença e apatia frente a vida.

³⁰ BIRKENMAIER, Anke. (2004). *Ensaio de Anke Birkenmaier sobre Pedro Juan Gutiérrez*. Disponível em:

http://www.pedrojuangutierrez.com/Ensayos_ensayos_Anke%20Birkenmaier.htm.

³¹ FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, op.cit.

EL REY DE LA HAVANA (O REI DE HAVANA), DE PEDRO JUAN GUTIÉRREZ

- ***A NARRATIVA***

A narrativa de *O Rei de Havana* conta a história de Reynaldo, um jovem, adolescente que inicialmente vive com sua mãe, seu irmão (Nelson), apenas um ano mais velho do que ele e sua avó, uma senhora, já bem velha e pela descrição do autor, teve uma vida de miséria e fome, circunstâncias em que viviam, também, a família. A mãe é descrita como “manca da perna direita, um pouco limítrofe ou tonta.”. O irmão mais velho, Nelson, como mais fogoso e se rebelava contra a mãe quando ela gritava com os filhos. Em contrapartida, Reynaldo era quieto e tranquilo. Viviam em um terraço de um edifício antigo, em um quarto pequeno (três por quatro) e com um pedaço ao ar livre. O contexto é o de pós Revolução Cubana, em meio à crise que ocorreu nos anos 90. A mãe desempregada, os filhos eram ainda pequenos (dez e nove anos), sobreviviam em meio aos animais que criavam (galinhas, porco e pombas), algumas vezes os tinham como alimento e outras vezes, vendiam.

Ao mesmo tempo que a mãe era grosseira com os filhos, os tratando com expressões chulas, com gritos, com dureza e muitas vezes castigos abusivos, como trancá-los em armário, escuro e pequeno durante dias, sonhava com a época que tinha seus amantes e com o pai dos meninos, que os abandonou quando descobriu que ela estava grávida pela segunda vez. A avó não falava, pouco se mexia, só observava a filha e os netos que brigavam em meio ao cacarejar das galinhas, ao latir de cachorros e aos gritos estéreis e vorazes da mãe.

O desenrolar da narrativa inicial chega aos treze anos de Reynaldo e aos quatorze de Nelson. Os dois haviam abandonado a escola, não a achavam interessante e tinham repetido a 7ª série por três vezes. Passavam os dias fazendo armadilhas para pegar pombos e vendê-los e, assim, quando conseguiam, garantiam uma refeição melhor para eles e para a mãe e a avó (pizza, refresco), pois por diversas vezes a refeição única do dia era um pedaço de pão e uma jarra de água com açúcar. Além disso, gostavam de se masturbar observando a filha da vizinha em trajes mínimos, por meio de brechas em uma parede do galinheiro.

A primeira tragédia ocorre em um desses dias, quando a mãe vê os filhos, em pleno ato de masturbação, observando a vizinha. Ela fica irada com tal cena e os repreende

com palavrões, com agressividade, chegando a tentar agredir fisicamente com um pedaço de pau. Nelson reage às agressões da mãe e nesse desenrolar, acaba empurrando-a contra um pedaço de cabo de aço do galinheiro, onde ela fica presa pelo pescoço e morre. Em desespero e agonia e ao “cair em si” pelo que havia feito, o ódio que sentia pela mãe, por conta da discussão humilhante com ele em frente aos vizinhos, dá lugar a dor e ao pânico e em um impulso, Nelson atira-se do quarto andar do prédio e morre “estatelado”. A avó vendo a confusão, também, não aguenta e morre. Reynaldo, não tem reação, em um primeiro momento, depois, vai até a mãe e a vê morta, a seguir até a sacada e ao olhar para baixo, depara-se com o irmão, morto. Quando a polícia chega, Reynaldo não consegue responder aos questionamentos, ri, como perdido em meio ao que tinha acabado de ocorrer, mas ao mesmo tempo, um riso que dá a sensação de ironia. Consegue, enfim responder que não sabia de nada e é levado para um reformatório como um criminoso, junto a outros criminosos.

No reformatório Rey aprende a se impor, a se calar para evitar confusão para não ter que prolongar o seu tempo no reformatório, aprende a fazer tatuagens, a fazer uso de maconha, aprendeu a ficar sozinho, sem amigos, tinha “caráter amargurado e reservado” (GUTIÉRREZ, 2001, p. 21). Fez, também, uma peque na incisão no pênis, colocando bolinhas de rolamento, que os rapazes do reformatório diziam deixar as mulheres mais excitadas no ato sexual. Teve, também, relações com homossexuais. Rey ficou três anos no reformatório. Em um determinado dia, um grupo dos rapazes do reformatório foi premiado com uma saída para um baile, grupo em que Rey estava junto, ele sai do baile sem ser percebido e passa a caminhar com tranquilidade pela rua.

A partir daí, Rey passa a viver na rua. Em muitos momentos tinha medo de ser pego pela polícia e ter que voltar para o reformatório. Na rua, Rey conhece várias pessoas, gente que vivia da esmola, do rum, do cigarro, do sexo, de mentiras, na miséria, pobreza, também fugindo da polícia, fugindo de si mesmo e da vida. Rey passa a viver como indigente, como tantos outros, marginalizado, ignorado. Passa a esmolar para comer, ou a fazer pequenos furtos, ou, ainda, a roubar restos de comida, algumas vezes podres, mas era o que ele conseguia para alimentar-se.

Em um desses momentos na rua, quando Rey consegue umas moedas, ele resolve fazer um passeio em um barco e acaba passando em frente ao antigo edifício onde morava e todas as lembranças que Rey tentava esquecer, vieram à memória. Rey não consegue se controlar e chora, chora bastante e ao mesmo tempo, tenta reprimir seus sentimentos,

porém, não consegue, o choro torna-se incontrolável. Neste momento, lembra da família destruída de uma só vez, sente o desamparo, o abandono, a solidão, sente ódio. Ódio por si, pela mãe, pelo choro e em uma raiva descontrolada, acaba se agredindo, ficando fraco, exausto, completamente dolorido, corpo e alma. Machucado física e emocionalmente. Questiona-se o porquê daquela tragédia ter acontecido com ele e pensa em dar fim a própria vida, caso essas lembranças voltassem a sua mente. Pensava que nada havia que podia fazer, a não ser continuar vivendo até que chegasse a sua vez de morrer. De fato, lida com a morte outra vez, quando conhece um senhor, ébrio, que entrega para Rey todo o dinheiro que tinha e em alguns momentos depois, joga-se do alto de um edifício.

Para descobrir o que houve com o antigo quarto em que morava, Rey procura a vizinha, a que tinha a filha que Rey e o irmão ficavam observando quando mais novos e se masturbando. Passou uns dias com ela. Ela cuidou dele, dando roupas para trocar, deixando que ficasse no pequeno quarto, compartilhando da água para o banho e outras necessidades, apesar de Rey não gostar de banho. Além disso, relacionaram-se sexualmente, Rey começou a trabalhar e a roubar comida para levar para a vizinha. Com ela recupera sua confiança, lembra-se de que é um cara durão e ganha dela o apelido de “Rei de Havana”. Depois que começou a trabalhar e a furto do trabalho, acabou sendo descoberto e precisou fugir. Volta para a rua.

Conhece Magda, em meio a essa fuga. Logo sentiu-se atraído por ela, a achava bonita e ela também sentiu-se atraída por ele, porém, ambos não sabiam como conversar um com o outro, “[...]eram pobres de palavras[...]” (GUTIÉRREZ, 2001, p. 53). Magda era mais velha do que Rey, vendia amendoins para sobreviver e, além disso, prostituía-se com homens mais velhos para conseguir um dinheiro extra, fato que deixava Rey enciumado. Ambos não se importavam com a sujeira um do outro, o que na verdade, para eles era algo atrativo, o cheiro da sujeira, a falta do banho, o corpo suado, isso os excitava mais nas relações sexuais que mantinham. Magda, também, tinha um filho. Morava com uma irmã.

Nesse interim, conhece Sandra, um travesti homossexual que morava em um quarto ao lado do de Magda. Sandra também vivia de prostituição, para sobreviver. Ela se interessou por Rey e quis cuidar dele, como havia feito sua vizinha. Deu-lhe banho, roupas, comida, cigarros para vender e os dois acabam em uma relação homossexual. Em meio à venda de cigarros conhece um homem velho que trabalhava em um cemitério e

vai trabalhar com ele, no entanto, vê o velho matando um rapaz que também trabalha com ele e deixa de trabalhar com o homem.

Volta à Magda e à Sandra. E nesse meio tempo, entre esse triângulo, revê a vizinha e a filha que havia saído do país, mas estava de volta. Saiu com promessas e esperanças de uma vida melhor, mas fora enganada e voltou cega, literalmente. Rey gostava de andar pelas noites de Havana. Andava e observava a sociedade. Brigas, bebidas, outras drogas, sexo, prostituição, pobreza, miséria, pessoas que viviam à margem da sociedade, com pouco, quase nada, sobreviviam, na verdade. Ele não gostava de trabalhar, gostava da vida de sexo sem compromisso, de rum, de maconha e de certa forma, de ter pessoas que o sustentavam. Mas Rey acabava voltando para Magda. Ela descobre sobre Sandra e fica enciumada. Ocorre uma briga. E tempos depois, Sandra é presa. Rey resolve “sumir” por um tempo, pois “trabalhava” com Sandra em um contrabando de drogas.

Conhece Kátia, na entrada do ano de 1998, perto de completar seus dezessete anos. Mais sexo, mais prostituição, mais envolvimento com situações de ilegalidade para conseguir dinheiro, envolvimento com o irmão de Kátia, que era “malandro” e sabia se virar para enganar estrangeiros, levando a eles “shows” de erotismo e em troca lhe pagavam pela encenação. Kátia participava com o irmão desses pequenos golpes. Contudo, Rey não cede à falácia do irmão de Kátia e vai embora. Durante o livro, Rey acaba retornando várias vezes para o container, onde se sentia em “casa”, para onde fugia quando tinha confusão e não queria ser pego pela polícia.

Entre as idas e vindas com Magda, Rey começa novos trabalhos e os abandona, conhece outras mulheres que desejam cuidar dele, se encantam com ele, dizem apaixonadas, pois, segundo a narrativa relata, Rey as deixa excitadas durante as relações sexuais que têm com elas. Conhece Yuni, e através dela conhece o lado rico de Havana, quando a procura em um bairro nobre e fora do centro onde se passa maior parte da história.

É abandonado por Magda e, pela segunda vez há um relato de choro no livro, pois Rey considera Magda como seu “amor”. Em meio a esse abandono, à desilusão, conhece Daisy, uma senhora, cigana, que lia mãos, para o seu sustento. O processo é repetido. Ela cuida de Rey, sente-se atraída fisicamente por ele. Relacionam-se sexualmente e Rey passa a ser sustentado por ela. Casa, roupas limpas, alimentos, dinheiro, rum. Enquanto Daisy passava os dias com seus clientes, lendo mãos, cartas para eles, Rey passava os

dias caminhando, no bar, bebendo rum. Um dia conhece Ivón, uma mulher também mais velha, com uma filha para criar, o pai estava preso. Com ela relaciona-se uma noite.

Por fim, volta a procurar Magda, por preocupar-se com ela, devido a um vazamento de gás perto do quarto onde ela morava. Os dois voltam a ficar juntos, porém, Magda continua nos seus sumiços e voltava para Rey. Ele descobre que ela ia encontrar-se com o pai de seu filho. Falava abertamente para Rey o que pensava dele e o que pensava do pai do menino. Rey sente ciúmes dela, mas ela sempre consegue contornar a situação e manipula-o, conseguindo acalmá-lo. Rey, pela primeira vez sonha em ter uma família com Magda, dar a ela um filho, construir uma casa. Após o desabamento do quarto que ela morava, ambos vão para o container, onde Rey sentia-se em “casa”. Entre as idas e vindas de Magda, Rey passa a ficar mais agressivo, mais ciumento, mais possessivo e as provocações entre eles aumentam, chegando a agressão física antes e durante o ato sexual, agressões que os deixam mais excitados durante a relação. Entretanto, as últimas páginas do livro retratam o fim dos personagens dessa trama, a última tragédia na vida de Rey, narrada de maneira crua, capaz de levar o leitor a imaginar todas as cenas que Pedro Juan Gutiérrez descreve ao final. A crueza da descrição, retrata o fim de Rey e Magda. Quando Magda volta depois de ter sumido por dias, ela e Rey discutem agressivamente, em provocações e insultos que levam Rey a atacar Magda com uma faca que ele havia feito com a intenção de construir uma casa para os dois. Ela o ameaça, ele perde o controle e a facadas, Magda morre. Rey, atordoado, enlouquecido, busca reação dela, mas não encontra, tem relações com seu corpo morto e passa uns dias com o corpo no container, até achar um lugar para enterrá-lo, sem que ninguém o veja. Até que o faz, em uma madrugada. No momento que a enterra é atacado por ratos, que vão em busca de alimentarem-se do corpo em estado de decomposição. Depois de enterrá-la, Rey volta para o container e durante seis dias, entre febres e delírios, ele morre. Indigente, entregue à sujeira, às baratas, aos urubus que comem de seu corpo em decomposição. “E ninguém mais ficou sabendo de nada.”(GUTIÉRREZ, 2001, p. 224). Assim, o autor encerra o livro. Nua e crua, sem poupar ao leitor os detalhes sórdidos da sujeira dos personagens, dos ambientes. Um ciclo que não tem mudanças, que começa com uma tragédia e termina com outra, fazendo parecer que a morte é o fim mais “sensato”, em meio às loucuras e a insensatez dos personagens e da narrativa.

- ***O GRITO DO EU SILENCIADO***

O que é realidade? O que é ficção? Como a literatura se aproxima de forma sutil da realidade? A realidade constrói a literatura ou é construída por ela? Ou ambas são construídas mutuamente? Como o texto de Pedro Juan Gutiérrez pode ser lido? Como ler seus personagens? Quem fala? Por que fala? O que fala? Como realidade e ficção se tocam? Como não ficar chocado, enjoado, estarecido, pasmo, incomodado? Como não ter estranhamento? Quais as inquietações que esse texto traz? As reflexões que permite fazer? Para todas essas perguntas e tantas outras que podem surgir a despeito da leitura de um livro que traz um impacto que é tão real a ponto de causar reações físicas como o nojo, as respostas podem ser diversas e apresentarem-se de diferentes maneiras. A reflexão a respeito de textos, como este do autor pode ser exaustiva e infinita.

Ler o texto e reler o texto, mergulhar nele, imergir em suas palavras, adentrar no espaço ficcional, deixar-se levar pelo imaginário, pelo que é descrito, pelo que é dito pelos personagens que trazem em suas falas diversas reflexões significativas a respeito de valores morais e éticos, bem como valores pessoais, afetivos, familiares, educativos, sociais, de construções e desconstruções do ser humano, de esperanças e desesperança, desilusão, frustração, inquietação, de negações, de fugas, encontros, desencontros, oportunidades, miséria, pobreza, desigualdades, indiferença, de medos, dores, tragédias, perdas, abandonos, de inércia, de um ciclo que é repetido constantemente, de um acomodar-se, de não saber sonhar, não enxergar-se como ser humano (um indivíduo), de uma perda da dignidade e se considerar um “ninguém”, um “lixo” e viver marginalizado, exatamente como “um lixo” e em meio a esse “lixo”, à sujeira moral, ambiental e física, debaixo de olhares de pena e de nojo, de compaixão e de amedrontamento; viver a parte, distante e alheio ao restante do mundo; viver e lutar para sobreviver e, por fim, morrer como um indigente.

Na Narrativa de Pedro Juan Gutiérrez, *O Rei de Havana*, o leitor é envolvido em um romance que perpassa pelo caos, o caótico, a animalização, em que os personagens vivem para o prazer, para o sexo e as relações sexuais descomprometidas de afetos, de cuidados, de carinho, de pudor e desvalorização do corpo que passa a ser usado tão somente para satisfação física, hedonista e independente da condição desse corpo, a sensação que se tem é que o prazer está acima de qualquer outra coisa, inclusive de valores pessoais, os quais não foram construídos ou aprendidos em algum momento de suas vidas.

Desde criança, Rey vive à margem da sociedade com a sua família em total condição de pobreza e miséria. Uma mãe ignorante, no que diz respeito ao trato com os

filhos ao intelectual, pois, nos poucos relatos que são revelados a respeito dessa personagem, falam da maneira como ela tratava Rey e Nelson (seu irmão mais velho) desde crianças. Não há expressão ou relatos de troca de carinho e afeto por parte dos integrantes dessa família. Não há respeito da mãe para com os filhos e dos filhos para com a mãe, mas, pelo contrário, o ambiente é hostil, agressivo, violento, vulgar, imoral e sem expectativas ou encorajamentos para mudanças, para sonhos, para ambicionar um futuro melhor do que aquele presente desgastado, estarecedor e cheio de decepções.

Ao contrário do que muitos podem estar acostumados a ler em tantos outros textos, o autor não deixa no texto nenhuma expressão que leve o leitor a entender que haverá uma mudança no decorrer da narrativa. No entanto, a decadência dos personagens que vão surgindo e pertencem às classes mais baixas da sociedade, aos poucos cresce no decorrer do texto e, embora tenham oportunidades para mudar, eles tornam para o mesmo ciclo de sujeira moral, ética, pessoal e social. Acabam retornando para a realidade que vivem e sabem viver e sabem “se virar”. Tornam ao caráter indigente, tornam à ignorância, à violência, à prostituição, às drogas, ao rum, à podridão. Gutiérrez apresenta uma realidade nua, crua, dura e cruel, escancarada diante dos olhos do leitor. Apresenta o total descaso e desinteresse e a indiferença dos personagens para com eles próprios, deles para com o mundo e do mundo em para com eles.

Percebe-se um completo vazio existencial, os dias raramente são diferentes. Como dito anteriormente, o ciclo é uma repetição infinita de mediocridade, em que estão inseridos os personagens e as rotinas e trajetórias diárias levam à destruição dos indivíduos pouco a pouco. Destruição, desconstrução, desapego, desesperança e uma completa ausência de perspectivas. O retrato dos personagens reflete um retrato da realidade da crise que Cuba vivia nos anos 90.

Fontes (2011, p. 66), trata desse aspecto dos textos de Gutiérrez, de uma forma geral, observando as narrativas desses com um estilo de escrita “direto, seco e analítico”, sendo que o importante nelas não diz respeito às situações em que vivem os personagens, situações limítrofes, ou ainda, os próprios protagonistas da história, mas o que é preciso ser observado é como lidam com as circunstâncias de miséria, sem recursos e oportunidades, com a busca pelo prazer incessantemente, com a presença marcante do sexo e do álcool. E, ainda, quanto ao caráter repetitivo das narrativas e à mediocridade percebida nelas, a autora fala:

“As narrativas, na maioria das vezes, não progredem, apenas se repetem, refletem a monotonia de uma vida sem esperança, onde o tempo passa

e nada muda. A mediocridade da vida parece refletir a mediocridade que circunda e que existe também dentro, é a passagem de dias iguais em uma selva onde somente os mais espertos parecem sobreviver, uma existência onde não existem heróis, ou guerras a serem travadas.” (FONTES, 2011. P. 66-67)

A literatura contemporânea traz consigo uma vasta lista de autores que vem surgindo desde o final do século XIX, que descrevem características de um homem e de uma sociedade em estados catastróficos e, provavelmente, em terminais. Escritores renomados do século XX relataram, em suas obras, o desencanto e a descrença radical, que podem ser percebidas, atualmente, de forma reveladora, profética³², nos textos de diversos escritores, dentre eles, o autor e o texto escolhidos para esse estudo.

Essa visão, apesar de trágica, mostra a sua realidade em plena ebulição, isto é, o texto de *O Rei de Havana* grita em todos os seus parágrafos e em todas as suas páginas o desespero de uma sociedade negligenciada como um todo. Grita o grito dos silenciados, dos deixados à margem, aqueles que muitos fingem não ver, mas estão exatamente ao lado, contrastando com um ideal de sociedade ainda não alcançados. Ideais de um povo que é educado, que conhece as regras, que as segue, que conhece os valores éticos e morais e os respeita, que compreendeu o afeto e suas construções e os pratica, que compreendeu que o sujeito precisa se cuidar, de se lavar, de se despistar de si e limpar a imundícia de sua alma, lavá-la não só da podridão física mas daquilo que pode vir a corrompe-la e a desvirtuá-la do que é proposto como o “ideal”.

Por outro lado, essa reflexão trágica leva a pensar onde estão as falhas, será no próprio indivíduo? Será no sistema como um todo, ou seja, sistema político, econômico, social, familiar, de leis e regras a serem seguidas? Será que essa trágica narrativa reflete apenas um lado de uma moeda? Quem são os culpados dessa descrença? Dessas frustrações constantes? Do abandono e descaso? Da solidão e do vazio? É possível dizer quem são? É possível responder a todas as questões existenciais propostas, como reflexivas para o leitor, no livro? Ou pode ser inferido que em ambos os casos, tanto sujeitos, como sociedade e governo tem suas expressivas parcelas de culpa? E, ainda, será que é possível falar nesse termo culpa? Ou trata-se de responsabilidades mal definidas, mal compreendidas, mal explicadas, internalizadas e significadas?

Algumas das falas dos personagens descrevem bem essa visão de tragédia e de calamidade e caos, bem como da descrença de uma expectativa de vida ou de um futuro

³² PERRONE-MOISÉS, op. cit., p. 221.

diferente, melhor do que o que viviam. Falas como: “Para que a gente nasce? Para morrer depois? Se não tem nada para fazer. Não entendo porque passar por todo esse trabalho.”, “O que tem que fazer é beber, e esquecer as tristezas. [...] A gente vem no mundo para sofrer.”, “-Eu sempre fui f*[*grifo nosso*], Yuni. Não queira me consertar.”, “Vou ser assim quando ficar velho, um palhaço de merda.”, “- Eu não acredito em nada! Não acredito nem em mim!”, “Não vinham do pó e ao pó regressariam. Não. Vinham da merda. E na merda continuariam.” (GUTIÉRREZ, 2001, p. 23; 28; 150; 173; 182, 199).

Dentre tantas falas de descrença na vida, no futuro, na sociedade, há também, falas que denotam os destinos dos miseráveis e marginalizados, que seria a morte. A morte como solução para os problemas, para a dor e o sofrimento, para as angústias, para quem nada espera da vida, para quem não tem para onde ir e não tem intenção de chegar a algum lugar, para o abandono, para tudo o que não desejava sentir e viver, para não ter que trabalhar, para não ter obrigações, responsabilidades, a morte para não ter que lidar com a realidade e as frustrações que ela não faz questão de esconder; a realidade de quem não tem nada, sente-se um nada (um lixo) e voltará a ser pior do que nada. Por fim, a morte para a existência, de quem não soube existir e não descobriu ao longo da vida que era alguém, protagonista de sua própria vida, que podia produzir mudanças em sua história

Por outro lado, da mesma forma que há desesperança e nenhuma expectativa de mudança, a narrativa aborda relatos de personagens sonhadoras. Sonham com um resgate. Resgate de um alguém que venha do estrangeiro, que lhe faça promessas de cuidados e de riquezas e arranca o personagem da situação catastrófica em que vivia. Uma ideia de que a fuga, a saída do país para um outro é melhor do que viver em Cuba na situação em que ela estava: abandonada, desacreditada, rejeitada e em crise geral. Sonho de uns poucos personagens, mas que lembram, hoje, o desejo de muitos sujeitos bem reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *O Rei de Havana* é tão ou mais confrontadora quanto uma trágica manchete de jornal, que fala do real pelo real. O exagero nas descrições das situações, a fragmentação e a redução dos personagens e das relações a nada, a desconstrução do ideal, dos sonhos, das expectativas, o desespero da desesperança e desilusão, a fome, a banalização do corpo, sexo e das relações de afeto, de carinho e sociais, a falta de sentido, de subjetivação e de ressignificação para a existência, para a vida, a inércia, a falta de

empatia, o hedonismo e o egoísmo, o envolvimento com a sujeira emocional simbolizada na sujeira pessoal, a ignorância e a morte como sentido cabal, pleno para a vida trazem o leitor uma reflexão própria do sentido da própria existência, uma reflexão a respeito de um olhar para o lado e observar o que o cerca.

Constrangedora, desastrosa, cruel e absolutamente devastadora, a narrativa envolve, absorve, enjoa, mexe, toca e de certa forma deprime, desaba e destrói o leitor. Desgasta emocionalmente, desconstrói possíveis ideais de mundo perfeito. Não. Não é possível falar em perfeição. Literaturas como a de Pedro Juan Gutiérrez mostram o homem entregue à total corrupção e à degradação de si e do outro. Mostram um homem desumanizado e animalizado, entregue às suas próprias perspectivas descrentes de qualquer tipo de valor seja ele moral, político, social, religioso, afetivo, educacional e cultural. Um ser humano catastrófico, em um mundo catastrófico, rumo a um fim catastrófico.

Um contraste entre o real e o ficcional. Um paralelo do que é visto com o que é lido. Fica a verdade em meio às leituras, ainda que hiperbolizadas com o intuito total, parcial ou sem interesse algum de causar os sentimentos, sensações, aflições e choques que podem ocasionar, de que a literatura permite esse pensar num todo de sistemas de relações, de percepções, de histórias, de crises, de incertezas, inseguranças, medos, angústias, de questionamentos pessoais, para a sociedade, de rever valores, de construir e compartilhar valores, de olhar para o outro e percebê-lo como um ser dotado de dignidade, bem como mostrar a ele que ele pode ser o autor da sua história e não mero expectador.

Fica a possibilidade de ensinar esperança em meio ao caos e que a morte não precisa ser um fim em si mesma, que o a autodesvalorização e a percepção de “um nada” podem ser contornadas. Ficam os gritos de socorro de muitos “Reys”, “Magdas”, “Sandras”, “Kátias”, “Yunis”, entre tantos outros como “Josés”, “Marias” e “Joões” que sem abrirem a boca clamam por serem notados, percebidos, cuidados, dotados de algum valor.

Ficam as reflexões, as indagações, os questionamentos não respondidos, pois, como afirma Perrone-Moisés (2016, p. 217):

“A literatura é então verdade, mas a verdade da literatura é ao mesmo tempo a própria impotência de responder às perguntas que o mundo se faz sobre suas infelicidades, e o poder de fazer perguntas reais, perguntas totais, cuja resposta não esteja pressuposta, de um modo ou de outro, na própria forma de pergunta: empresa que nenhuma filosofia, talvez, tenha

conseguido levar a bom termo, e que pertenceria, pois, a própria literatura.”

E frente à impotência de tão grande gigante do mundo das reflexões que é a literatura, os questionamentos retornam ao mundo, à sociedade, de forma que a função da literatura seja a de instigar esse posicionamento crítico e levar os leitores a encontrarem as respostas que buscam³³. Volta para o leitor a responsabilidade de responder aos clamores que a literatura provoca e evoca. Torna a ele a responsabilidade de ouvir o que as narrativas têm a lhe dizer e a olhar para os sujeitos ficcionais e os inseridos no mundo como campos de infinitas significações emblemáticas, embora possíveis de serem compreendidos, talvez não em sua totalidade e, como protagonistas, atuarem a partir de reflexões provocadas pela ficção.

³³ PERRONE-MOISÉS, op. cit., p.216.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A REALIDADE EM CUBA EM 2018. Ih, Mochilei!. Direção e Produção: Rita Castro & Gustavo Amaral. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=1w1tV8FseDU&list=PLY5mcg4_IluB3OuEhrfvDJK2MUnPdStm1&t=0s&index=55. Acesso em: 13 out 2018.
- A REVOLUÇÃO CUBANA, de Luis Fernando Ayerbe. Canal Leitura ObrigaHistória. Icles Rodrigues (Historiador). 1 Dezembro, 2016. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=5HnnazjvT6I&t=0s&index=7&list=PLY5mcg4_IluDLUctwAoEaPtDcLPMUTifH. Acesso em: 13 out 2018.
- AYERBE, Luis. Fernando. *A Revolução Cubana*. In: AYERBE, Luis Fernando. Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia. São Paulo: UNESP. 2002. p. 126-135; 243-255.
- BEZERRA, Juliana. *Revolução Cubana*. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/revolucao-cubana/>. Acesso em: 15 out 2018.
- BIRKENMAIER, Anke. (2004). *Ensaio de Anke Birkenmaier sobre Pedro Juan Gutiérrez*. Disponível em:
http://www.pedrojuangutierrez.com/Ensayos_ensayos_Anke%20Birkenmaier.htm. Acesso em 20 out 2018.
- BURGOS, Pedro. Jornal do Brasil. 2003. Disponível em:
http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Jornal%20do%20Brasil.htm. Acesso em: 20 out 2018.
- DOCUMENTO VERDADE. Direção: Rede Tv. Produção: Mauro Teleferre & Gabriel Gravina (Repórteres). Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=vJ80YjcxK7U&list=PLY5mcg4_IluB3OuEhrfvDJK2MUnPdStm1&t=0s&index=54. Acesso em: 13 out 2018.
- FEITOSA, Emily. Couto. *REVOLUÇÃO CUBANA: A CRISE DOS ANOS 90 E A REDEFINIÇÃO DOS RUMOS DO SOCIALISMO*. In: Encontro de História Anpuh-Rio, 13., 2008. Rio de Janeiro. *Identidades*. Rio de Janeiro: UFF, 2008.
- FONTES, Izabel Santa Cruz. *A Escrita como itinerário existencial: autoficção e subjetividade do realismo sujo de Pedro Juan Gutiérrez*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: O Autor, 2011.
- FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. 2001. Porto Alegre. Disponível em:
[http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Fronteiras%20do%20Pensamento%20\(2008\).htm](http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Fronteiras%20do%20Pensamento%20(2008).htm). Acesso em 20 out 2018.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *O Rei de Havana*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Unesp, 2018.

NOGUEIRA, Kiko; FRUET, Helena. *Entrevista com Pedro Juan Gutiérrez*. Playboy, Brasil. 2001. Disponível em:
http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_PT_Playboy.htm. Acesso 20 out 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da Literatura no Século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAMOS, Jefferson. Evandro. Machado. . 2004. Disponível em:
<https://www.suapesquisa.com/guerrafria/>. Acesso em: 20 out 2018.

REVOLUÇÃO CUBANA. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-cubana.htm>. Acesso em: 13 out 2018.